

Fernando Molica

Edwin Luisi é o próprio texto

A classificação de monólogo para “Eu sou minha própria mulher”, em cartaz no Teatro Poeira, no Rio, chega a ser imprópria: sim, há um único ator em cena, mas a peça tem uma profusão de falas vindas de duas dezenas de personagens, todos interpretados por Edwin Luisi. É como se, ao longo de 70 minutos, houvesse vários atores no palco, tamanha a capacidade de Luisi em ser tantos, um trabalho impressionante de variação de gestos, expressões faciais, vozes, inflexões, sotaques.

Luisi vai além da definição atribuída à protagonista, a travesti Charlotte Von Mahlsdorf: segundo o texto, ela disse ser a própria mulher. Em cena, o ator é ela, mas ele também são eles, os demais personagens; apropria-se de todos.

A peça, do norte-americano Doug Wright, trata de um personagem real: nascida menino, aos 15 anos assumiu a personalidade feminina — isto, em plena repressão do regime nazista. Depois, atravessou a ditadura comunista da Alemanha Oriental, que também reprimia a diversidade sexual.

A história de Charlotte (1928-2002), que fundou e manteve um bar gay em seu casarão-museu, chega a ser inacreditável. Mas inacreditável mesmo é a interpretação de Luisi, sua capacidade de, em instantes, passar de um personagem para outro.

Algumas vezes, isso ocorre ao longo de um

gesto, quando uma típica postura masculina é substituída pela de uma senhorinha alemã, uma daquelas de histórias infantis. A personagem transformou-se em mulher, e assim é vista pelo autor, por Luisi e pelo diretor da montagem, Herson Capri. As muitas transições são feitas com precisão e delicadeza, a poucos metros de distância da plateia que cerca o palco em forma de arena.

As mudanças de personagens encontram apoio no figurino de Marcelo Marques, que tem elementos masculinos — botas, calças compridas — e uma espécie de véu amarrado à cintura que, obediente ao ator, se transforma em saia ou vestido.

Montada pela primeira vez em 2007 pelo próprio Luisi, “Eu sou a minha própria mulher” renova o desafio proposto pelo teatro de recontar histórias, de apresentar versões, de questionar o estabelecido.

Mais do que apresentar a trajetória de uma mulher trans, a peça fala de seres humanos — pessoas com esperanças, sonhos e desejos — impactados por diferentes formas de opressão, em particular, a encarnada por ditaduras.

A montagem reafirma também o poder do ator, não de incorporar personagens, mas de vê-los, compreendê-los e mostrá-los. No caso, o público tem o privilégio de acompanhar um processo de reinvenção do próprio texto de Wright que, no palco, ganha coautoria de Luisi.

Sérgio Cabral*

Basta de Trump

Donald Trump é um difusor de ódio e inflação no mundo.

Usa a força militar e econômica dos Estados Unidos para estabelecer o terror e a crise econômica no planeta. Desde sua posse não faz outra coisa que não seja fustigar antigos aliados como a Europa, países do Brics como o Brasil e a China e alimentar o ódio de velhos adversários fanáticos dos americanos, como os radicais islâmicos.

Donald Trump prometeu acabar com as guerras no mundo. Disse que, em pouco tempo, findaria o conflito sanguíneo de Putin na Ucrânia. A guerra não só não acabou como Putin teve uma espécie de sinal verde do aloprado presidente americano para seguir em frente no seu projeto imperial de domínio ucraniano.

Trump desdenha da OTAN, a Organização do Tratado do Atlântico Norte, criada no pós guerra e fundamental para a garantia da democracia e dos avanços civilizatórios do Ocidente.

Prende o ditador Nicolás Maduro e não muda

rigorosamente nada na vida dos venezuelanos ao manter o establishment chavista no poder.

Junto com Netanyahu iniciou, há um mês, uma crise sem precedentes entre os países do Oriente Médio, com consequências que já sentimos aqui no Brasil com o aumento do preço dos combustíveis. Seus ataques ao Irã já ceifaram a vida de milhares de inocentes, incluindo crianças mortas dentro de uma escola. O regime não caiu, contra-ataca os países do Oriente Médio onde os Estados Unidos tem bases militares, e o mundo paga por toda essa loucura.

O que me impressiona é a sociedade americana e suas instituições não darem um basta nesse sujeito.

Minha esperança é a sua iminente derrota nas eleições legislativas desse ano. Segundo as pesquisas, Trump deve perder a maioria na Câmara dos Deputados e sofrer uma perda significativa no Senado Federal.

O mundo não aguenta tanta irresponsabilidade.

***Jornalista. Instagram: @sergiocabral_filho**

EDITORIAL

Pela valorização da descoberta no país

Em um país que historicamente convive com desafios estruturais na educação, na saúde e no financiamento da ciência, é urgente repensar o lugar que cientistas e pesquisadores ocupam no imaginário coletivo brasileiro. Não se trata apenas de reconhecer conquistas individuais, mas de compreender que o desenvolvimento científico é um dos pilares mais sólidos para a soberania, a dignidade e o futuro de uma nação.

O Brasil possui talentos extraordinários, muitos dos quais alcançam reconhecimento internacional antes mesmo de serem devidamente valorizados em sua própria terra. É o caso da pesquisadora Tatiana Sampaio, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que dedicou 25 anos de sua vida ao desenvolvimento da polilaminina, uma proteína com potencial revolucionário na regeneração de medulas espinhais. Sua pesquisa abre caminhos concretos para devolver movimentos a pacientes com tetraplegia, um avanço que transcende o campo científico e alcança dimensões humanas profundas, devolvendo esperança e qualidade de vida.

Esse tipo de trajetória não pode ser tratado como exceção admirável, mas como regra desejável. No entanto, a realidade ainda é de escassez de investimentos, descontinuidade de políticas públicas e, muitas vezes, invisibilidade social. A ciência brasileira resiste, mas não

pode prosperar plenamente enquanto for vista como gasto, e não como investimento estratégico.

Outro exemplo recente reforça essa urgência. Em meio à corrida global por respostas para a Doença de Alzheimer, um dos maiores desafios da medicina contemporânea, dois pesquisadores brasileiros têm se destacado internacionalmente. Mychael Lourenço, também da UFRJ, foi laureado com o ALBA-Roche Prize for Excellence in Neuroscience Research, enquanto Wagner Brum, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, recebeu o reconhecimento da Alzheimer’s Association como uma das promessas da área.

Esses reconhecimentos evidenciam que o Brasil produz ciência de ponta, mesmo diante de adversidades. Lourenço, por exemplo, dedica-se há anos a entender os mecanismos ainda obscuros da doença, que afeta cerca de 40 milhões de pessoas no mundo, aproximadamente 2 milhões no Brasil, número possivelmente subestimado. Sua investigação vai além da remoção de placas de beta-amiloide, buscando compreender por que alguns cérebros resistem ao avanço da doença enquanto outros sucumbem rapidamente. Valorizar cientistas não é um gesto de reconhecimento tardio, mas um investimento direto no futuro coletivo.

Opinião do leitor

Ancelotti

O técnico Carlo Ancelotti, um treinador que foi campeão em 4 países e detém o recorde de conquistar (5 títulos com 3 do badalado Guardiola) na Liga dos Campeões da Europa, precisa ser centro das atenções no Brasil?

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: SEIS PAÍSES SUPENDEM IMPORTAÇÕES DE PRODUTOS SOVIÉTICOS

As principais notícias do Correio da Manhã em 20 de março 1931 foram: Realiza-se a primeira reunião para finalizar o acordo naval entre França, Inglaterra e Itália. Romênia, Estados Unidos, Iugoslá-

via, Bélgica, França e Canadá suspendem importação de produtos da União Soviética. Príncipe de Gales visita Buenos Aires e partirá no dia seguinte para o Uruguai. Ex-presidente mexicano é fuzilado.

HÁ 75 ANOS: TROPAS ALIADAS DOMINAM GRANDE PARTE DA PENÍNSULA COREANA

As principais notícias do Correio da Manhã em 20 de março 1951 foram: Tropas Aliadas conseguem dominar novamente grande parte da península coreana. Deputados e policiais tomam bens do jor-

nal “La Prensa”, na Argentina. PTB paulista tem uma revoadade membros renunciando ao partido. Chuvas fazem vários estados do Nordeste entrarem em alerta. Paris receberá reunião da ONU.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.